

PERCURSOS DA IDENTIDADE EM *LA TRAVERSÉE*, DE MOULOU MAMMERI

Susete Albino

CHAM – Centro de Humanidades; FCSH – UNL

RESUMO

A noção de sujeito sociológico, baseada na concepção de que a identidade é o resultado da interação do “eu” com a sociedade, de um diálogo do “eu” com os universos culturais, de uma interligação do espaço “interior” e privado com o espaço “exterior” e público, conduziu a uma destabilização do sujeito unificado e da sociedade tradicional. Esta fragmentação dos quadros de referência, ancorada numa visão homogénea abalada pelos processos de descolonização e de globalização, marcou o século XX e intensificou os debates em torno da identidade. Muitas das narrativas pós-coloniais são considerações sobre o fim do colonialismo e tentativas de recuperação da autenticidade cultural e da(s) identidade(s) tradicionais. Sincronicamente, a insatisfação relativamente aos poderes instituídos nas Nações-Estado recém-criadas incentivou a produção de narrativas críticas. Elas oferecem leituras alternativas do projeto de Nação e da identidade e têm como lugar de referência locais situados à margem do Estado. Distantes do centro, assumem-se como espaços de reflexão sobre a identidade e a desmistificação do conceito de unidade. Estes “contra-sítios” afiguram-se como heterotopias, ou seja, como espaços do “outro” que contradizem o “eu” e que o levam a um profundo questionamento sobre a sua essência. O presente artigo constitui uma *travessia* pelo romance *La Traversée*, do escritor argelino Mouloud Mammeri, em torno da memória, da alteridade, do universo cultural e do espaço e tem como ambição refletir sobre as múltiplas formas de representação identitária nele veiculadas.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, Estado-Nação, Identidade, Heterotopias, Travessias

Mouloud Mammeri: a odisseia de um escritor comprometido

Mammeri nasceu em 1917, em Taourirt Mimoun, uma pequena aldeia argelina da grande Cabília. Precursor da literatura argelina em língua francesa, o trajeto académico e profissional do escritor dividiu-se pelas cidades de Rabat, Paris e Argel.

O seu primeiro texto, *La Société Berbère*, publicado em 1937, realça a revolta contra o colonialismo e contra a ausência de liberdade do povo berbere, dando o mote a uma obra marcada pelo enraizamento cultural cabila. A este respeito, Bourdieu (2006) destaca que a

história da relação de Mouloud Mammeri com sua cultura de origem e sua sociedade pode ser descrita como uma odisseia, em que o movimento inicial de afastamento, em direção a praias desconhecidas e sedutoras, é sucedido por um longo regresso, lento e cheio de perigos à terra natal. Essa odisseia é, a meu ver, o caminho que todos os filhos de uma sociedade dominada, de uma classe ou região submetidas a sociedades dominantes, devem percorrer para encontrar-se ou reencontrar-se (p. 94).

Zeloso defensor do seu povo e de uma Argélia independente, durante a guerra de libertação, sob o pseudónimo Bouakaz, publicou vários textos no periódico *L'Espoir*

d'Algérie, tendo, posteriormente, integrado as fileiras do Front de Libération Nationale (FLN). Numa entrevista concedida em 1987, Mammeri sublinha a pertinência da luta e da união do povo em prol deste objetivo:

Quel que soit le point de la course où le terme m'atteindra, je partirai avec la certitude chevillée. Quelque soient les obstacles que l'histoire lui apportera, c'est dans le sens de sa libération que mon peuple (et à travers lui les autres) ira. L'ignorance, les préjugés, l'inculture peuvent un instant entraver ce libre mouvement, mais il est sûr que le jour inévitablement viendra où l'on distingue la vérité de ses faux-semblants.

Autor de uma obra multifacetada, a sua trajetória testemunha um combate incessante pela edificação de um país livre e justo.

Entre passado e presente: a *travessia* da Nação argelina

A Argélia, desde a sua ocupação, em 1830, foi administrada como parte integrante da França e foi objeto de uma política assimilacionista. Em 1954, o movimento de descolonização desencadeou uma guerra que opôs as forças coloniais à Armée de Libération Nationale, braço armado do FLN.

A conquista da soberania, a 3 de julho de 1962, afigurou-se um triunfo e a recuperação da identidade nacional um desígnio. Os intelectuais que participaram na luta foram chamados a cumprir funções de legitimação nacional. Assim, a experiência da guerra e o heroísmo dos argelinos, descritos no plano literário, reforçaram, num primeiro momento, o sentimento de unidade. Contudo, à euforia da liberdade, seguiu-se a desilusão relativamente aos poderes instituídos e às práticas das elites dirigentes, tornando-se difícil silenciar tal desconforto.

La Traversée foi publicado em 1982 (num contexto marcado pelo empobrecimento, pela ausência de liberdade de expressão e por um aumento do fundamentalismo religioso) e abre com um trecho profundamente crítico

Ce qu'ils voulaient, c'était la grande vie – la grande vie pour tous et, si ce n'était pas possible, au moins pour eux: il fallait bien commencer par un bout. Au début ils manquaient de références. La grande vie c'est quoi? Puis les plus vieux se rappelèrent celle que jadis ils voyaient mener aux Européens, les plus jeunes préférèrent apprendre dans les films ou à la télé. Danser, boire, manier de grands jouets (...) Comme on leur avait répété que le paradis était pour tous ils y avaient cru et ils pressaient sur les portes si fort qu'un de ces quat' elles allaient céder. Les salauds! Ils font exprès ou quoi? Peut-être qu'ils ne se rendent même pas compte, ils ne voient pas que, s'ils continuent à pousser, elles vont craquer, les portes, et le paradis sera ravagé. Et qu'est-ce qu'ils auront gagné, ces imbéciles, une fois qu'ils auront ravagé le paradis? De toute façon ils ne peuvent pas y entrer tous, l'espace est mesuré et eux font des enfants comme ils respirent (Mammeri, 1982, pp. 7-8).

A sucessão de interrogações e a alusão ao paraíso denunciam um estado de espírito sublinhado pela perplexidade e pela decepção. O confronto entre o comportamento

daqueles que detêm o poder e o comportamento daqueles que a este querem aceder não exclui ninguém e realça a sobreposição de interesses individuais ao projeto de construção da Nação e aos interesses coletivos.

A evocação de memórias conduz a uma sucessão de analepses e de prolepses que despontam para a importância do passado no processo de compreensão do mundo, do país e de si mesmo. Esta opção pela anacronia coloca o protagonista, Mourad, na condição de extremo desalento:

Quand je regarde en arrière, je vois le passé comme une grève délavée. Rien. Aussi loin que le regard porte, les vagues ont lessivé la plage et il n'y a pas d'espoir que cela change un jour prochain (Mammeri, 1982, p. 180).

A sua perspetiva constitui, no entanto, apenas uma das várias leituras do país. De facto, esta encontra-se em diálogo com a de outras personagens representativas da sociedade argelina (Djamel, Boualem, Kamel e Souad) e do mundo ocidental (Amália, Serge e Christine). A recuperação da memória em torno de um tempo narrativo anacrónico, segundo perspetivas distintas, coloca o leitor perante um texto que lhe oferece diversas associações e uma multitude de leituras.

Retomando a figura do protagonista, este representa os que acederam ao paraíso, mas cujo lugar que ocupam não lhes pertence:

Quelque fois aussi, par erreur, c'était un cave du genre de Mourad qui entrait. Alors c'était le commencement de la fin, parce qu'avec ce type de pisse-vinaigre entrait un peu de l'air du large, et avec l'air du large on ne sait jamais (Mammeri, 1982, p. 8).

O mesmo ocorre no episódio da visita a Tam, uma localidade situada no deserto do Sahara, cujo administrador decidiu povoar à força com tuaregues. Depois de tentativas infrutuosas, este optou por construir muros altos, espessos e avermelhados que atraíssem os nómadas para aí efetuarem trocas comerciais. Os que ali penetraram foram aprisionados e sujeitos a continuar a sua vida de acordo os moldes ocidentais e reconheciam-se pelo ar “vaguement désespéré, malheureux, qu'ils traînaient dans les rues. Du matin au soir ils se promenaient d'un coin à l'autre de la ville leur exil ennuyé, incapables de comprendre qu'on les eût sevrés d'espace...” (Mammeri, 1982, p. 110).

Da travessia do deserto à *travessia* dos destinos

A travessia do deserto constitui o cerne do texto, apesar deste ter como pano de fundo uma reportagem sobre a exploração petrolífera. O grupo de cinco elementos que parte em expedição apresenta uma grande heterogeneidade não só sociopolítica como também cultural: Mourad, berbere ateu e jornalista de *Alger-Révolution*; Boualem, islamita e jornalista no mesmo jornal; Souad, secretária do *Alger-Révolution* e símbolo da emancipação da

mulher argelina; Serge, jornalista francês do *Plaisir de France*, especialista petrolífero e comunista; Amália, jornalista do *Plaisir de France* e colaboradora do FNL durante a guerra.

Espaço simbólico por excelência, o deserto ostenta uma interminável extensão de areal onde se procura, num infinito de silêncios, a autenticidade, a origem das coisas, um ideal a atingir, alternativas à realidade existente. Não sem riscos, porém, uma vez que “Tous ceux qui descendent au Sahara, à un moment ou à un autre, attrapent la folie du désert. (...) On a une impression étrange. On se sent en liberté. (...) De tout: des obstacles, des règles, des conventions. (...) On peut tout ce qu'on veut” (Mammeri, 1982, p. 82).

A *travessia* efetuada metamorfoseia todos os que nela se aventuraram. As experiências são vivenciadas com intensidade e imergem o leitor na profundidade dos mistérios do Sahara e das tradições e rituais ancestrais: “La folie du désert a fait d'eux d'autres hommes. Ils se sentent tous plus grands, plus beaux, plus libres, plus libres surtout. Mais ils savent en même temps que se n'est qu'un répit...” (Mammeri, 1982, p. 124).

A *travessia* assume, contudo, um caráter polissémico. De facto, a esta podem associar-se uma multitude de outras *travessias*.

A primeira é a dos dois independentistas canadianos do Quebec que viajaram até à Argélia na expectativa de obter a permissão de residência enquanto refugiados políticos. Recebidos por Mourad no *Alger-Révolution*, a sua odisseia está na origem do artigo de Mourad «La traversée du désert» e da sua demissão.

A segunda *travessia* é o artigo jornalístico de Mourad, que narra a história de um grupo de homens perseverantes (os heróis) que conduzem a caravana (o povo), pelo deserto, durante sete meses. Este faz alusão à situação política, económica e social da Argélia:

Comme toujours en pareil cas, en tête [de la caravane] marchaient les héros (...) derrière eux, le troupeau agglutiné suffoquait dans sa laine et la chaleur du soleil, mais il prenait bien soin de rester soudé. (...) La caravane les perdait souvent de vue ; elle hâtait le pas pour garder le contact, horrifiée à la pensée qu'elle pourrait rester orpheline d'eux avant l'heure. D'autant que les héros, (...) ne se retournaient jamais (Mammeri, 1982, pp. 31-33).

Alerta, igualmente, para a força do povo e para o seu poder, independentemente dos obstáculos que perante esta sejam edificados:

Les protagonistes sont des impatientes. Devant l'obstacle ils regimbent et tendent leur volonté pour le briser. L'obstacle brise...ou eux. Les caravaniers admirent de loin avec un soupçon d'ironie, car ils savent que les protagonistes passent mais que la caravane est éternelle (Mammeri, 1982, p. 38).

Neste, encontram-se esboçados dois destinos: o da massa e o do herói solitário. Os primeiros envelhecerão “tassés dans la tiédeur grégaire”, os segundos “étaient d'avance perdus” (Mammeri, 1982, p. 32).

A terceira *travessia* pode ser lida na viagem realizada por Mourad à sua terra natal, Tasga, uma aldeia isolada da Cabília. O silêncio que envolve a localidade e os seus habitantes, as ruas desertas e frias desencadeiam no protagonista uma caminhada pela

infância e pela guerra, opondo o passado ao presente e a vida à morte. Nela se revisita a memória individual e coletiva. Os sentimentos despertados pelo observado e lembrado dão origem a interrogações que permitem ao leitor aceder a um universo assaz amargurado:

[Les habitants de Tasga] on les avait gavés de harangues, après les avoir repus de misère toute la vie. Ils avaient accepté la faim, les prisons, la torture, puis on les avait oubliés là, sur les dalles de la place, avec les vents (...). Un de ces soirs il allait venter trop fort – et la place de Tasga serait balayée de leurs carcasses anachroniques, et de tout ce que avait fait le tissu de leurs joies, de leurs manques, de leurs rêves et de leurs rires il ne resterait rien (...) et bientôt ce serait, c'était déjà, comme s'ils n'avaient jamais existe (Mammeri, 1982, p. 54).

Mourad, ao apontar para o incontornável desaparecimento da aldeia e dos seus habitantes, considera que os ideais que revestiram a guerra expiraram com a independência. O sangue derramado apenas terá conduzido a um revezamento de papéis, condicionando, desta forma, o acesso à democracia.

Não menos importante é a leitura de uma quarta *travessia* na narrativa que tem como protagonista Bâ Salem. Venerado pelos habitantes da aldeia de Timimoun, desponta como memória viva da história do povo tuaregue e como porta-voz de uma cultura em risco. A problematização do possível desaparecimento de valiosos costumes ancestrais encontra-se representada na sua morte e está associada à renúncia da vida sem amor.

Assumindo a possibilidade da ocorrência de várias outras *travessias*, considerar-se-á a viagem de regresso a Tasga de Mourad como figurativa da derradeira *travessia*, a da transição da vida para a morte. O retorno para junto da mãe e das suas origens figura, igualmente, o término de uma busca: a busca da liberdade e da paz interior. Na verdade, o desfecho do romance com o falecimento do seu protagonista, pouco tempo depois do regresso ao berço, assim como a posterior correspondência entre Kamel e Amália, orientam o leitor para o triunfo dos “eleitos”. *La Traversée* encerra, destarte, envolta de um grande pessimismo: o da vitória do mal sobre o bem. Os “eleitos” continuarão, portanto, vitoriosos:

Mais à quoi bon tricher? Cela devait arriver (...). Il aimait les marches à contre-courant. Ça cavallait partout autour de lui, lui s'est muré dans un rêve absurde. (...) mon ami n'était pas seulement une entorse à la dialectique, c'était une insulte à Dieu. Cette façon de refuser la grâce! Après lui je ne pourrai plus supporter un seul pisse-froid; il faut en purger la terre, à coups de revolver s'il le faut (Mammeri, 1982, pp. 190-191).

Para os restantes, os justos, a vida não passará de uma eterna peregrinação, de uma *travessia*, em busca de um ideal inexistente que apenas a paz da morte permitirá atingir.

Do centro para a margem: o cruzamento de representações identitárias

Os textos pós-coloniais têm atribuído uma atenção particular à reflexão em torno da ‘identidade’, resultante das transformações que o colonialismo e a descolonização

suscitaram ao nível político, social e cultural. Entendida como produto de uma interação do “eu” com uma multiplicidade de “outros”, desintegrou a ideia de sujeito unificado e conduziu à concepção de que os sujeitos e as comunidades se encontram em permanente redefinição. Esta compartimentação dos padrões ocasionou a produção de narrativas que oferecem leituras alternativas do projeto da Nação e da identidade e têm como lugar de referência espaços situados à margem do Estado e nos limites territoriais. Distantes do centro, são o local por excelência para o questionamento da identidade nacional e para a desmistificação do conceito de unidade, apresentando-os como uma construção fictícia e discursiva. Estes “contra-sítios” são lugares fora de todos os lugares aceites, apesar de geograficamente situáveis e fisicamente existentes. Retomando o conceito de Foucault (2009), podem ser concebidos como heterotopias, como espaços do “outro” que contradizem o “eu” e que o levam a um questionamento sobre a sua essência. Distintos de todos os outros, inquietam e desencadeiam interrogações sobre a própria realidade.

O deserto do Sahara emerge como uma heterotopia. Situado à margem da Nação argelina, questiona e desconstrói o discurso de unidade. No decorrer da visita à Câmara de Djanet, cidade situada no deserto, por exemplo, as palavras do autarca acerca dos tuaregues e da sua relutância aos ideais da Argélia sustentam essa desmistificação:

[Les nomades] voilà deux ans que je leur cours après pour les soigner, les instruire ou seulement leur donner une carte d'identité, les compter. Autant courir après le vent. (...) Les Touaregs ont leurs chameaux, leurs violons, leur désert et leurs amulettes et ils sont heureux, alors qu'on les y laisse. Nous disons: non! Nous disons qu'il faut arracher les Touaregs à leurs violons. (...) En somme il faut les contraindre à être heureux selon le code, dit Mourad (Mammeri, 1982, p. 84).

Semelhante interpretação pode ser efetuada relativamente à resistência das crianças tuaregues em frequentar a escola, “incomparable instrument d'intégration nationale” (Mammeri, 1982, p. 85), e à obrigatoriedade instituída pelo poder, sob o princípio de que “l'État moderne que nous voulons construire a ses lois” (Mammeri, 1982, p. 85). Evidenciando-se um espaço fechado e afastado do seu modo de vida, as crianças ambicionam ser condutores de camiões, profissão que consideram restituir-lhes a liberdade:

-Tiens...toi...oui, toi...Qu'est-ce que tu veux faire plus tard? (...) - Chauffeur! (...) À mesure que l'index impératif allait d'une tête à l'autre, les voix, de plus en plus assurées, répétaient : - Chauffeur! - (...) mais expliquez-vous, pourquoi chauffeur? - Parce qu'on va où on veut (Mammeri, 1982, pp. 89-90).

Na linha do observado, percebe-se que as modificações que o colonialismo importou do mundo ocidental conduziram Nações como a Argélia a uma tensão dialética entre os impulsos de modernidade e a valorização do tradicional. Os conceitos de Nação e de identidade nacional unos, importados do Ocidente, desvendam-se como criações discursivas em busca de um ideal identitário, que se repercutem na ambivalência entre identidade e diferença. Stuart Hall sublinha, a este respeito, a natureza “fabricada” da identidade cultural, apresentando-a como mutável e resultante de representações:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (Hall, 2005, p. 38).

A África pré-colonial move-se em identidades múltiplas, bem distante do entendimento de unidade nacional e de limites fronteiriços. Assim, apesar de no centro das Nações o discurso de unidade e de identidade nacional se conseguir firmar, nos espaços situados à margem do estado, nas heterotopias, esse torna-se impossível de descodificar, suscitando apreensão e receio e uma sensação de aprisionamento. Esta realidade conduz à existência de vários Estados dentro de um mesmo Estado: O Estado do Centro e os Estados das Margens. As Nações constituem, pois, híbridos identitários e culturais, decorrentes de várias histórias, migrações e culturas interconectadas.

A associação da ideia da existência de fronteiras internas e de atravessamento de fronteiras leva aos conceitos de hibridização e de aculturação, ambos afetados pela ambivalência. Instituído nas teorias contemporâneas a manifestação de um “estado entre”, Bhabha (2005) refere o hibridismo como uma dupla negação, “nem um, nem o outro”, vendo nesta a necessidade da abertura de um terceiro espaço, um espaço “entre”, “a passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (p. 22). Esse “terceiro espaço” corresponderia a um “espaço de negociações” criado pela conceção do tempo da ação e pela compreensão política existente nos discursos coloniais e pós-coloniais.

Mourad é, em *La Traversée*, símbolo da hibridez identitária e cultural, por excelência. Oriundo de uma aldeia isolada da Cabília, deixa a sociedade tradicional, rumo ao Ocidente com uma mala cheia de ilusões. De regresso à Argélia, não se reconhece no espaço ocidental nem na Argélia contemporânea, mas também não é reconhecido pelo seu povo, nem pelo mundo tradicional. O mal-estar originado pela falta de referências afasta Mourad de tudo e de todos, tornando-o um ser errante em busca de algo perdido. A travessia do deserto, que antevia como libertadora e purificadora, condu-lo de volta ao berço:

Si je croyais aux signes, je trouverais cette traversée exemplaire et j'en ferais un apologue pour l'endoctrinement puéril des générations a venir. Car maintenant je suis sûr que, si le désert atavique n'est entré que tard dans ma vie, il était inscrit dans mes veines depuis toujours. (...) Dans le village oublié au haut d'une colline que la montagne proche ne protège plus des sauterelles ni du sirocco (...) je me présenterai demain, les mains nues, couvert du burnous ancestral, comme un des hommes innombrables qui l'ont fait durer jusqu'ici. (...) Ici j'ai vu le jour. Mon destin s'est inséré ici dans le monde. C'est ici que je le poursuivrai désormais. Sans regret comme sans illusions, mais non sans espoir (Mammeri, 1982, pp. 179-180).

Contudo, o seu falecimento, poucos dias depois, põe termo à esperança a que faz referência. A morte, omnipresente no final do texto, reveste-se, neste sentido, de um carácter simbólico e impõe-se como derradeira solução.

Bibliografia

Bhabha, H. (2005). *O Local da Cultura*. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Bourdieu, P. (2006). "A Odisseia da Reapropriação: A Obra Mouloud Mammeri." *Revista de Sociologia e Política* 26 (2006): 93-141.

"Entretien de Mouloud Mammeri avec Djaout Tahar." (2011). *L'ivrEscq*. Dossier n.º 11. Retrieved from <http://www.livrescq.com/livrescq/?p=1546>

Foucault, M. (2009). *Le Corps Utopique, Les Hétérotopies*. Paris: Nouvelles Éditions Lignes.

Mammeri, M. (1982). *La Traversée*. Paris: Plon.